

NA PERIFERIA, ESCOLAS COM COMPUTADORES.

Daniel, 7 anos, e Majali, 9, moram no Conjunto Habitacional Kephas I, em Novo Hamburgo, cujas casas sem reboco foram erguidas em mutirão pelos próprios moradores, todos de baixa renda. Mas essas crianças desfrutam do incomum privilégio de manipular um brinquedo caro: o computador. Eles são dois dos 21.450 alunos matriculados nas escolas municipais da cidade que dedilham estas teclas distantes, no resto do país, mesmo das crianças de classe média. Atrás desta idéia de colocar na mesma sala o instrumento mais refinado do século e os alunos pobres está o professor Ernest Sarlet. Há sete anos dirigindo a secretaria local de Educação, Sarlet, um belga naturalizado brasileiro, 57 anos, enxerga longe: "Daqui a onze anos estaremos no século 21 e com a informatização as empresas do nosso vale irão precisar de 'cérebros-de-obra' e não de mãos", argumenta, defendendo seu projeto "Educação e Mudança — do aipim ao computador".

Para ele, dar acesso à informática aos meninos e meninas da periferia é a úni-



Foto: Paulo Franken.

Sarlet: contra os demagogos.

ca maneira de garantir-lhes competitividade no mercado de trabalho do futuro. Seus críticos dizem que muitos alunos ainda não se livraram dos piolhos para estarem lidando com algo tão sofisticado. "Não podemos ficar catando piolhos e perdendo

tempo. Essas coisas devem andar juntas, pois os Estados Unidos e a Europa não esperarão por nós", rebate. Usando o Sistema Logo, do sul-africano Seymour Papert, Sarlet começou com um micro Itautec em 1984 e pulou hoje para 73 unidades, disseminadas por uma sede central e dez subcentros nas vilas que margeiam a cidade. Para ele, é a primeira iniciativa sedimentada de uso do computador em escola pública na América Latina. O próprio Papert foi visitar Novo Hamburgo e brindou a experiência com o adjetivo **excepcional**. "Mas não queremos formar digitadores", ressalta Sarlet. "Pretendemos proporcionar o surgimento de gente com capacidade crítica", enfatiza.

Esta proposta, aplaudida por autoridades e educadores, não custa barato. Tudo é tocado principalmente com recursos municipais. Este ano a secretaria, onde são aplicados 40% da receita municipal, consumirá NCz\$ 30 milhões. Quando Sarlet assumiu o posto, em 1983, aplicava-se 25% do orçamento no setor. Ele despeja números e percentuais. A aprovação da 1ª

à 4ª série do 1º grau saltou de 59% para 85%, enquanto os alunos atendidos passaram de 9.100 para 21.450.

"Aqui queremos um governo fraco e uma comunidade forte"

Computador, porém, é apenas uma parte da pouco conhecida revolução de Sarlet. Ele faz questão de acentuar que seu projeto é "global". Isto inclui hortas em que os alunos trabalham antes de ir brincar com os micros e onde colhem legumes para reforçar a merenda, uma biblioteca em cada uma das 52 escolas, seleção rigorosa de professores — "Só desejo profissionais competentes e solidários" —, remuneração acima do que paga o Estado — NCz\$ 294 por 22 horas/aula, contra NCz\$ 170 — e um enlace permanente com a comunidade. Graças a este último item, Sarlet conseguiu, por exemplo, colocar meninos da periferia nas piscinas dos conservadores clubes sociais fundados pela elite da imigração alemã, como a tradicional sociedade Aliança. "Não poderíamos des-

perdiçar uma casca de banana, quanto mais construir piscinas", explica.

Cercado por dezoito assessores, com um ritmo de trabalho de treze horas diárias e fumando compulsivamente um cigarro atrás do outro, ele propõe uma concepção pedagógica em que se entrecruzam influências tão diversas como as dos educadores e filósofos Paulo Freire, Jean Piaget, Martin Heidegger e Karl Jaspers. Sarlet abre fogo especialmente contra a TV e a apatia do poder público diante da educação. "Os programas infantis são agentes da monotonização cultural", fustiga. Sua sugestão para perder menos terreno na corrida para o ano 2000 é produzir uma inversão: "Aqui queremos um governo fraco e uma comunidade forte", receita. Sarlet acha que há um erro básico na pedagogia brasileira: "Ainda se ensina as crianças a darem a resposta certa, quando deveríamos provocá-las a fazer perguntas inteligentes. Por isso — diagnostica — usamos tantos chavões e produzimos tantos demagogos".